2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 38. QUINTA FEIRA, 31 DE MARÇO DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CATALOGO DOS DOCUMENTOS RESPECTIVOS ÁS NOSSAS ANTIGAS RELAÇÕES COM A INGLATERRA, COLLIGIDOS PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SANTAREM.

(Conciuido de pag. 435.)

81.º

1576 OUTUBRO 26 — Poder dado pela rainha Isabel a sir Francis Walsingham para tratar com Francisco Giraldes, enviado de Portugal.

82.º

1577 OUTUBRO 12 — Carta da rainha Isabel d'Inglaterra a el-rei D. Sebastião pedindo a restituição de 4,000 ducados depositados em Lisboa.

83.º

1778 JUNHO 14 — Carta do doutor Wilson relativamente a uma expedição para Irlanda.

84.º

1778 JULHO 28 — Carta de Francisco Giraldes, enviado de Portugal.

85.º

Sentença pronunciada contra Pedro d'Alcaçova thesoureiro do defunto rei D. Sebastião (sem data).

86.º

1579 — Discurso dirigido ao cardeal rei pela camara de Lisboa depois da morte de el-rei D. Sebastião em Africa.

87.º

1579 (?) — Advertencia que el-rei de Portugal dirigio ao seu povo (sem data).

88.º

1579 MARÇO 14 — Carta de Philippe II á cidade de Lisboa depois da morte de el-rei D. Sebastião.

89.º

1579 depois de 14 de MARÇO — Discurso dirigido pela camara de Lisboa á nobreza e ao clero depois de ter recebido a carta de Philippe II (sem data).

90.º

1579 MAIO 12 — Exposição do que se passou no *parlamento* de Lisboa até este dia.

91.º

1580 — Descendencia dos reis de Portugal de Henrique de Bouillon no seculo XII até 1580.

62.º

1580 — Descendencia dos reis de Portugal desde el-rei D. João I até D. Sebastião.

93.º

1580 FEVEREIRO 19 — Almeirim — Carta do arcebispo de Lisboa e dos outros governadores de Portugal á rainha Isabel d'Inglaterra sobre a morte do cardeal rei D. Henrique, e pedindo á mesma soberana que acreditasse tudo quanto lhe expozesse Antonio de Castilho, que então era nosso enviado em Londres.

94.º

1580 ABRIL 4 — Resposta da rainha Isabel á carta antecedente dos governadores do reino, na qual lhes dá muitos conselhos.

95.º

1580 — Instrucções da mesma rainha para o seu embaixador em Portugal, nas quaes entre outras coisas lhe recommenda que primeiramente visite a duqueza de Bragança e o duque seu marido, e depois D. Antonio etc.

96.º

1580 MAIO 9 — Informação dada em uma carta datada d'Almeirim do estado dos negocios em Portugal.

97.º

1580 SETEMBRO 3 — Carta do doutor Wilson a lord Leicester sobre varias communicações de Portugal, e do estado das coisas no mesmo paiz.

98.º

1580 — Carta de D. Antonio prior do Crato, pertendente á coroa de Portugal, dirigida á rainha Isabel pedindo-lhe ajuda e auxilio contra el-rei de Hespanha.

99.º

1580 — Instrucções dadas pela rainha Isabel ao embaixador de Inglaterra em Portugal sobre as contestações relativas á successão da coroa pela morte do cardeal rei (este documento é incompleto).

100.º

1580 — Carta do doutor Ruy Lopez a M. Herle a respeito da descendencia dos reis de Portugal (original).

101.º

1580 — Arvore genealogica dos reis de Portugal desde o conde D. Henrique até D. Antonio prior do Crato, com o retrato deste principe pintado no centro, e uma carta de Portugal por Hondius desenhada em 1592 (9).

102.º

1580 SETEMBRO 11 — Carta do doutor Ruy Lopez ao conde de Leicester (?) sobre os negocios de D. Antonio prior do Crato, pertendente á coroa de Portugal.

103.º

1581 OUTUBRO 9 — Carta do mesmo a D. Antonio prior do Crato, annunciando-lhe as disposições favoraveis da rainha de Inglaterra a seu respeito.

104.º

1582 SETEMBRO 8 — Carta de Diogo Botelho a lord Leicester sobre os negocios da successão de D. Antonio prior do Crato.

105.º

1584 OUTUBRO 23 — Passaporte assignado por Diogo Botelho, que se intitulava do conselho de estado de el-rei de Portugal D. Antonio, escripta de Middlebourg, dirigida a todos os capitães de navios de guerra que tivessem cartas de marca de el rei seu amo etc.

106.º

1585 SETEMBRO 20 — Carta de Horacio Palavicino a sir F. Walsingham noticiando-lhe a chegada de um certo Rugiero protegido por D. Antonio prior do Crato (em Italiano).

107.º

1586 — Memoria instructiva sobre os assumptos que o embaixador D. Antonio teria a tratar com lord Leicester.

108.º

1587 SETEMBRO 12 — Carta do doutor Ruy Lopez a lord Leicester sobre os negocios de D. Antonio e de seu filho D. Manuel de Portugal, e sobre a penuria em que estes principes se achavam (é datada de Dordrecht).

109.º

1594 NOVEMBRO 12 — Carta da rainha de Inglaterra a D. Antonio prior do Crato assegurando-o da continuação da sua amisade.

110.º

1595 AGOSTO 23 — Carta de D. Antonio escripta de Paris á rainha Isabel, agradecendo-lhe os beneficios que lhe fizera, lamentando os seus infortunios e recommendando á dita rainha seus filhos e creados por ella os tomar debaixo da sua protecção.

(9) Possuo um fac-cimile do quadro e carta citada no texto.

111.º

1595 SETEMBRO 12 — Carta de D. Christovão de Portugal á rainha Isabel participando-lhe a noticia da morte de D. Antonio seu pae, e pedindo-lhe a sua protecção e para seu irmão D. Manuel (é datada de Paris).

112.º

1595 NOVEMBRO — Carta de Diogo Botelho á rainha de Inglaterra sobre a morte de D. Antonio.

113.º

1596 — Carta de D. Manuel de Portugal filho de D. Antonio á rainha Isabel significando-lhe a sua tenção de passar para Hollanda.

114.º

1596 (?) — Carta de D. Christovão de Portugal á rainha Isabel pedindo-lhe a continuação da sua amisade.

115.º

1596 (?) NOVEMBRO 2 — Carta de D. Manuel de Portugal á mesma rainha, pedindo-lhe a sua protecção. É datada de Dieppe.

Os outros documentos que possuo dos manuscriptos do museu britannico. consistem em Catalogos de outras peças e documentos de que enviarei mais tarde a lista para ser publicada.

FABRICO DA SODA EM PORTUGAL.

O ultimo artigo do sr. Betamio de Almeida sobre o fabrico da soda, inserto em o n.º 14 do *Jornal da Associação Industrial Portuense*, colloca-me n'uma posição muito melindrosa para com o meu sempre cortez e polido adversario.

Esta discussão nasceu da parte que eu tomei na defeza dos interesses industriaes de um estabelecimento, de que sou simplesmente inspector e conselheiro, e não director technologico, como julga o meu amigo. Tomou ella o vulto de uma questão scientifica; porque a industria chymica é hoje indubitavelmente uma sciencia. O campo em que nos collocámos, e as armas com que rompemos neste duelo, eram da sciencia, e nem desejo, pela minha parte, combatel-o com outras, nem saír deste terreno.

Desde o principio desta discussão havia eu declarado que entrava na liça com o sincero desejo de saír vencido, porque o triumpho das idéas do meu adversario era o que mais convinha a este paiz, que amo como portuguez que sou, e pelo qual estou sempre prompto a fazer todos quantos sacrificios se podem esperar de um homem, cuja primeira affeição é o amor da sua terra. A extrema delicadeza e melindre do sr. Almeida, levou-o a fazer agora, no seu ultimo artigo, a declaração de que os seus interesses pessoaes, e os de outros amigos meus, se achavam involvidos nesta questão, porque se estava tractando de propôr a alguns capitalistas da cidade do Porto a formação de uma companhia por acções, para estabelecer em Aveiro uma fabrica de soda, destinada á exportação, e que, segundo a opinião do sr. Almeida, devia realisar beneficios importantes.

Eu tinha ouvido fallar vagamente desta empreza, mas confesso que não acreditava que ella tomasse por base da sua prosperidade a exportação dos seus productos, e sempre pensei que o seu principal destino seria provêr ao consummo interno.

Neste presuposto, (que agora vejo que era acanhado e restricto, em comparação com as vistas largas dos emprezarios), sempre intendi que em pedir alguma protecção para um velho estabelecimento, nascido e creado em circumstancias especiaes, não prejudicaria de modo algum os interesses de outro, que devia saír joven, vigoroso e bem constituido das mãos experientes de quem tem feito da industria chymica, e no paiz classico desta sciencia, a sua primeira, intelligente e unica occupação.

Conheço agora o meu erro, e ainda que esteja de animo feito para presenciar a completa derrota das minhas opiniões sobre este ponto, (o que me não hade surprehender nem mortificar) intendo, que devo propôr treguas ao meu leal adversario; suspender por agora todo o combate, e esperar que elle haja constituido a companhia, que pretende organisar. Voltaremos depois novamente ao campo, o que dará seguramente mais vantagem ao meu contrario, porque poderá então escudar as suas vistas especulativas com a pratica do seu novo estabelecimento.

As treguas que eu proponho, não devem por outro lado ser nocivas aos seus interesses, como tambem o não é por certo a protecção actual das pautas; porque, se a empreza é boa sem protecção, não póde esta damnifical-a.

O unico effeito da ausencia da protecção seria

a queda da fabrica da Verdelha, mas a minha rasão não acolhe a minima suspeita de que o meu generoso adversario quizesse quebrar o fragil e temporario apoio a que se encosta aquelle estabelecimento, para tirar partido da sua ruina. O soberano despreso, com que o meu amigo tracta a fabrica da Verdelha e os seus productos, dá prova cabal de que esta não póde servir de embaraço á nova empresa. Quem póde ir afrontar a paizes extranhos a protecção exagerada, que defende a industria desses paizes, muito melhor póde suplantar a concorrencia de rivaes mais fracos na terra propria.

Todavia a suspensão de armas, que eu proponho ao meu adversario, não me exime de tomar a defesa da fabrica da Verdelha contra as arguições bastantemente injustas e muito apaixonadas, que elle no seu artigo lhe faz. S.ª s.ª perdeu nestas arguições o sangue frio de phylosopho; apaixonou-se, e *desabafou* irado contra a malaventurada pratica da Verdelha, que eu tive o máo gosto de citar a todo o momento no meu arrasoado.

Eu podia neste logar explicar ao meu adversario e ao publico a minha posição relativamente á fabrica da Verdelha (para a qual apenas tenho dado conselhos, e que nunca dirigi, o que muito differe para a responsabilidade do trabalho) mas a minha humilde pessoa não é coisa de vulto nesta questão nem em alguma outra, e eu nem devo, nem quero mortificar o publico e os meus amigos com negocios pessoaes, que nada influem sobre a importancia das coisas, e muito menos sobre o valor das doutrinas. O que é verdade é que eu tenho tido ha annos a esta parte uma tal ou qual influencia no trabalho da fabrica da Verdelha, e por isso não posso deixar sem resposta as arguições que se lhe fazem.

Não me recordo de haver citado, nem fallando nem escrevendo, a fabrica da Verdelha ou a sua pratica como modellos em coisa alguma.

Fabrica levantada em 1827 por um desses *directores technologicos que*, segundo a expressão do sr. Almeida, a *França exporta por preços commodos* (1), dirigida sempre por mestres francezes, esteve até 1846 fabricando quasi exclusivamente o acido sulfurico sem vantagem alguma para o empresario.

Os seus trabalhos em materia de soda, desde a sua instituição até 1847, nunca passaram de tentativas mais ou menos infructuosas. O contracto do sabão recebia a soda de Inglaterra, sobrecarregada apenas com o direito de 100 por arroba, mas nunca, ou raras vezes, lhe custava aqui menos de 1:400 rs. Os outros consumidores tiravam tambem aquelle producto dos paizes estrangeiros, e nesse tempo nem se fazia melhor vidro do que hoje, nem a estamparia tinha passado do estado rudimentar, nem a fabricação do sabão era melhor do que a actual, finalmente nem uma só das industrias chymicas, que hoje teem uma tal ou qual vida, se achava em caminho de prosperidade, e nesse tempo já os mercados de França e Inglaterra offereciam aos compradores sodas taes, que não mereceriam ao sr. Almeida o epitheto de *mixtellas*.

As condições, com que os actuaes contractadores arremataram o monopolio do sabão, não os eximiram do imposto com que na pauta de 1842 foi taxada a importação de soda estrangeira, e como este era de 2:400 por arroba, não podiam elles ter aqui a soda por menos de 3:600, o que tornava quasi impossivel o fabríco do sabão. Foram estas circumstancias que determinaram seriamente a fabricação da soda em Portugal, e a administração da fabrica de Verdelha resolveu-se então a emprehendel-a a todo o custo. Reputo em muito pouco a parte que eu tive na resolução deste problema; o que eu fiz, outro qualquer o podia fazer, e talvez melhor do que eu, porque não tendo eu recebido uma educação industrial, e havendo apenas começado a estudar a chymica aos 27 annos de idade, e sem o poderoso auxilio do bom exemplo e conselho dos homens iminentes da sciencia, o meu cabedal technologico reduzia-se ao adquerido pelo meu proprio estudo nos livros e no pouco tempo que estive em França. Pediram-me os meus conselhos, disse o que sabia, auxiliei como pude o director da fabrica, e em ultimo resultado fabricou-se essa *mixtella* que tem exactamente a mesma composição e a mesma riqueza do que a soda que vinha de New-Castle e de Liverpool. A *mixtella* da Verdelha tem ordinariamente 75 por 100 de carbonato de soda, além de 4 por 100, pouco mais ou menos de soda caustica, como acontece á soda que se fabríca para as fabricas de sabão, e é positivamente para a fabrica de sabão do contracto que a Verdelha fabríca, porque é este o maior consumidor da soda na Verdelha.

Confesso que me fez impressão o que o sr. Almeida disse a respeito da soda da Verdelha

(1) O proprietario da fabrica da Verdelha não achará de certo que teem sido, para elle, muito commodos os preços dos diversos directores technologicos estrangeiros, com quem tem tido relações.

que viu no Porto, porque, ainda que o seu ultimo artigo me auctorise a julgal-o apaixonado, e extremamente impressional, comtudo tenho-o por homem de verdade e incapaz de alterar os factos; por isso tratei de indagar que soda seria essa, que tanto horrorisou s. s.ª Das informações que eu colhí resulta que para o Porto não tem sido remettida soda alguma da Verdelha, á excepção de uma unica barrica e ha já longo tempo, ha annos; portanto a soda que o sr. Almeida viu não era de certo da Verdelha, ou, se o era, achava-se sophisticada. Se o sr. Almeida se tivesse dado ao incommodo de a ensaiar, nós poderiamos dizer-lhe alguma coisa mais positiva a este respeito, porque da Verdelha não sahe soda com graduação menor de 75°, D. Nos primeiros tempos o trabalho apresentava algumas irregularidades, provenientes não só da inexperiencia dos operarios, mas tambem do emprego de diversos calcareos, e de differentes especies de carvão.

Hoje o fabrico é mais regular, e a Verdelha não só promptifica a soda para os saboeiros, mas fornece o carbonato de soda neutro e perfeitamente branco a quem o quizer, e os crystaes de soda como outra qualquer fabrica, e por preços rasoaveis. Além da fabrica da sabão, fornecem-se da soda da Verdelha as fabricas de tecidos de lã dos srs. Daupias, Larcher, e Lafory; as de papel de Alemquer, da Abilheira, e da Louzãa; as de tecidos de algodão do sr. Berot, as de vidros da Marinha Grande (apesar do privilegio que tem de importar a soda estrangeira e todas as outras materias primeiras exemptas de direitos), a da Vista-Alegre, e a da rua das Gaivotas; a de productos chymicos do sr. Leal Junior, e finalmente algumas de lanificios da Covilhãa pedem tambem regularmente os crystaes de soda. Consultando os mappas geraes das alfandegas do reino vê-se que em 1843 ainda se importaram 8,094 arrobas de soda refinada e 5,447 de barrilha, e já em 1848 se importaram apenas 1 arroba e 24 arrateis de soda e 1,568 arrobas de barrilha. Quer isto dizer que as fabricas que gastam soda acharam boa a da Verdelha; hoje continuam a gastala-a e ninguem se queixa de *mixtella*, senão o sr. Almeida, que teve a deshumanidade de ir até aterrar os manes do infeliz Leblanc, cuja sombra depois de haver lido, além do Lethes, o que o sr. Almeida diz da Verdelha. protestará fugir-lhe de certo, e não a veremos nunca sentada debaixo das arvores viçosas, que cercam aquella fabrica.

Sinto que o meu nobre adversario se apaixonasse tanto contra a fabrica de Verdelha, mas eu espero que ainda lhe ha de fazer mais justiça. A Verdelha não é, como já disse, um modelo das boas fabricas de productos chymicos, é um estabelecimento levantado em condições pouco favoraveis, tem grandes vicios de origem, mas trabalha como póde, esforça-se para produzir bem e barato, não vive do monopolio, porque não tem privilegios, e se não está a par das fabricas modernas, porque os seus apparelhos são antigos, satisfaz, pelo menos hoje, as mais urgentes necessidades da industria actual do paiz. Levantem-se outras fabricas em melhores condições e debaixo de todos os preceitos da sciencia; surja a fabrica de Aveiro, combatam-se os productores, que a industria ha de lucrar nesta contenda, e a quem produzir melhor e mais barato iremos nós mesmos pôr na cabeça a corôa dos vencedores.

Lisboa 23 de março de 1853.

J. PIMENTEL.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XL.

DEPOIS DE PURGATORIO A REDEMPÇÃO!

(Continuado de pag. 440.)

O jesuita, fallando assim estudava com a vista no semblante do preso o effeito das suas palavras. Na prostração a que o via reduzido, os remedios heroicos eram o meio opportuno. Para arrancar gradualmente o mancebo ao espasmo sombrio, em que as forças do corpo e os poderes do espirito se consumiam, carecia de desferir o golpe, embora cruel, no mais sensivel do coração. Para o salvar do naufragio, não havia senão exasperar-lhe as dores, magoar-lhe o orgulho, e resuscitar nelle o homem e o soldado, antes que de todo expirassem nas trevas da amargura, e no phrenesi da loucura.

Não tinha a escolha do tractamento; não estava livre no emprego dos recursos. Tentava disputal-o ao anniquilamento moral, precursor da morte, custasse o que custasse. Que lhe impor-

tava um padecimento momentaneo se o resultado saísse feliz? Quando um desgraçado mergulha no oceano, e vae sumir-se, o salvador hesita em o trazer á superficie arrastado pelos cabellos? Nestes lances a verdadeira piedade não olha senão aos fins.

Se para a linguagem aspera do mundo já não encontrasse echo no peito de Jeronymo; se ao sentir, pezada de ultrajes, a mão dos homens sobre a face, a não repellisse, o que vivia nelle? Desvial-o da idéa que o possuia; sequestral-o á solidão, cheia de desespero, e envenenada de pensamentos ruins, em que agonisava, era ganhar a primeira victoria, e abrir caminho para as seguintes. Se por um instante, qualquer nova commoção o abalasse, e a vista quasi perdida da sua alma podesse receber um raio de luz de fóra, o padre Ventura confiava no exito do plano, e colhia animo para o proseguir. O primeiro symptoma de sensibilidade naquella indifferença accusaria um principio de reacção, um passo fóra do circulo fatal em que tudo se resumia no suicidio pelo affecto e pelo ciume, ralado de remorsos.

No começo, o capitão, mais admirado do que sacudido pelo rigor das palavras, que escutava, fazia visiveis esforços para responder. Tinha dentro do peito tão fria a imagem do mundo, que lhe custava a perceber a sua voz. Tudo o que estava antes ou além da sua magua, não lhe causava sensação. O universo para elle cifrava-se em uma unica paixão. O resto tinha-o esquecido. Perdida a paixão, deixava-se morrer porque não conhecia outro valor á vida. Que o accusassem, que o condemnassem, que o escarnecessem, era-lhe indifferente; mais ainda, não o comprehendia!

Desde que Thereza entregara a alma a outro, a sua ficára só, e não ardia senão em um só desejo; morta a donzella, de a seguir até ao tumulo; existindo de a disputar até a Deus! A esperança neste abysmo vão achava aonde firmar o pé. A certeza do infortunio tomava a duvida como irrisão. Dizer-lhe que se enganára seria acender-lhe de novo a febre, e o transporte, desafiando uma dessas crises em que a rasão podia por uma vez succumbir de todo.

Mas, quando o visitador retalhando sem dó a dolorosa chaga, levou o estimulo até onde podia ir, o coração accordou momentaneamente, os nervos resentiram-se, e a alma teve um impeto. Alguma coisa do homem e do soldado deu um grito de indignação naquelle seio que parecia petrificado. É verdade, que a seta para o alcançar, atravessou primeiro pela sensibilidade do amante. Ouvindo-se accusar de ter levantado a espada contra uma dama, e de ter levado a infamia á casa de seu segundo pae, o sangue subiu-lhe ás faces, e pondo-se de pé por um repellão cheio de braveza, exclamou em voz mais forte do que a debilidade mostrava permittir-lhe.

— « Padre Ventura!... daria os poucos dias que me restam para que outro homem me repetiese o mesmo! Agradeça a Deus. O habito é que o salva! »

A primeira explosão estava conseguida; o primeiro obstaculo fôra vencido. O jesuita deu interiormente a Deus as graças. Entretanto a sua phisionomia não disse nada do conflicto intimo. Nem um só dos musculos do rosto descubria a profunda anciedade pela contracção. Conservava-se severo, grave e sereno, como se discutisse um negocio vulgar entre os definidores do instituto. Cruzando os braços, e sorrindo com ironia, fitou no mancebo aquelle olhar frio e dominador, que nas occasiões supremas revelava o poder da grande alma, e disse-lhe em tom mais alto:

« Não se prenda! Depois de uma menina innocente, que o amou, chegue tambem a sua vez ao sacerdote velho, que o vinha consolar. O valor no crime é tambem valor... Não lhe importe! É uma cobardia mais. »

Jeronymo a estas palavras sentiu um furacão dentro de si; os olhos injectaram-se; o cerebro ardeu como se todo o sangue em lavaredas se derramasse nelle; as faces abrazadas e descompostas tremeram com a mais terrivel sezão de raiva. Arremettendo ao padre, saccudiu-o com furor pela manga, e alçando a mão com cegueira, descarregaria a furia, se a tranquillidade do italiano, firme no olhar e no gesto, não lhe impozesse respeito. Aquella força de espirito suspendeu-lhe de repente os passos, e um instante depois obrigou-o a recuar. Ao mesmo tempo a voz placida do visitador dizia-lhe:

— « Acabe a obra! Uma gota de sangue mais pouco se vê. »

Cedendo ás sensações, arquejante, e desfallecido o capitão foi caír quasi sem sentidos aos pés do jesuita. Parte do veu, que lhe escurecia a mente, rasgou-se com o golpe da commoção experimentada. Olhando para si e para elle envergonhou-se. As lagrimas rebentaram-lhe pelos olhos. O medico espiritual tinha já vencido muito; e o maior triumpho estava conseguido, pois que o morto entrava outra vez no mundo! É verdade,

que um momento mais de accesso, e um instante só de fraqueza no visitador perante o perigo, podiam dar logar a um sacrificio inutil. Mas a segurança propria não era o receio do italiano. Estava costumado a luctar com as grandes tormentas, e a esperal-as peito a peito.

Curvando-se para o mancebo ajoelhado, com a bondade e a affeição no semblante, e um sorriso piedoso nos labios, o jesuita deu-lhe as mãos para o levantar, e pousou-lhe sobre a testa ainda abrazada um osculo de pae. Obrigou-o, depois, a sentar-se, e pondo-lhe a mão no hombro com doçura, accrescentou:

— « O doente vae melhor, mas ia matando o medico! Ora socegue; abra os olhos que teve fechados; e arrependa-se. Veja o que fez! Tratou-me como inimigo; esqueceu-se do que era e do que eu sou; e diga-me: não será possivel ter-se enganado do mesmo modo a respeito dos outros? Medite sobre este exemplo; e louve a Deus, que ainda o castiga menos do que merecia. »

— « Padre Ventura, não sou eu, é a paixão... » soluçava o mancebo ao qual estas palavras acabaram de abrandar.

— « É a paixão, sim; e disso me queixo. Se fosse homem, se tivesse valor, ella seria a escrava, e o irmão Jeronymo o senhor! O que lhe disse não era a verdade? Não commetteu a fraqueza de levantar a espada contra uma mulher; não a infamou, a ella, e aos seus, dando-os em pasto ás calumnias e á maldade? O que quer que o mundo pense?... »

— « O mundo mente e murmura sempre! » acudiu o capitão, tornando a mudar de aspecto. « Quando as coisas lhe dão rasão o mundo acerta. Um militar que não póde com as suas paixões, um dia ou outro não póde tambem com os seus deveres. Quem faz correr o sangue... »

— « Padre! » gritou Jeronymo, cerrando o punho com desesperação. Juro diante de Deus que sou innocente. Foi uma desgraça, e não um crime. Thereza vive, e ella dirá... »

— « Que a condemnou antes de a ouvir; e que para chegar á vingança mais injusta lhe metteu a espada pelo peito... »

— « Mas eu vi e ouvi tudo! E se os que me accusam amassem tanto!... »

— « Quem duvida assim e crê o mal, não ama! »

— « Padre, se soubesse destas paixões conhecia a ancia que é perder a alma. »

— « Succedeu peior a muitos e foram homens. Em logar de delirarem, tiveram a força d'alma de esquecer. »

— « É porque o seu amor não era de dentro, não era tudo... »

— « Era! »

— « Oh, se lhes tomasse a vida, a esperança, e a vontade!... »

— « Sei de um que perdeu mais... ou tanto; e se não se consolou, teve animo, e conformou-se. Sabe como? Offerecendo-se a Deus; pedindo-lhe graça e resignação; e fazendo penitencia neste habito por ter amado a creatura com o extremo, que devia ao Creador. »

— « Esse era santo, e eu... »

— « Era muito peccador, e está diante dos seus olhos. Sendo ainda mais moço do que o vejo, a morte separou-o de uma donzella, meiga e formosa, que o estremecia mais do que a si, e que elle amava... já lhe disse, como não se deve amar senão a Deus! Note que aquella dôr não se póde comparar á sua, porque adiante da sepultura não ha nada. E então? Foi como todos, chorou no principio, desejou morrer tambem; a carne é sempre a mesma; mas por fim venceu a fé; fez-se escravo deste habito; e não podendo viver com ella no mundo quiz ganhar o céu para não deixar de a ver findo o seu desterro. »

— « Felizes os que choram e são consolados, podendo sel-o! » disse o mancebo com melancolia.

— « Sim! porque muitos são os chamados e poucos os eleitos; mas quem nas grandes desgraças se voltar para Jesus Christo, encontrará remedio; bem vê; a sua cruz foi mais pezada que a nossa. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

ALLA VIRTU.

ODE

di A. Galleano-Ravara.

Fonte d'un'onda limpida
Che scorre nel deserto,
Lume di luce vivida
In un sentiero incerto,
Pace secura, e soglio
Dell'anima credente;
Sorriso della mente,
Emblema della Fè:

Figlia di Dio, benefica
Spargi di vivi rai

Il lampo fulgidissimo,
E degli umani guai
Distruggi la miseria;
Linfa, nel suo cammino
Dissetta il pellegrino,
Che a te rivolge il piè.

Superna stella agli uomini
La via del bene insegna;
Tempra a chi serve i palpiti,
E il genio di chi regna;
Infondi amor nei popoli,
E di ragion col morso
Lor mostra il curvo dorso
Dal giogo a sollevar.

Dall'ire e dai consiglj
D'ambiziosa gente
Salva la fè dei creduli
Col lume tuo possente;
Ch'essi fidenti imparino
Che solo in man di Dio
Stan la speme e il dislo
Di chi lo sa pregar.

E venga il dì che ingenuo
All' ara tua s'appendi
Un voto, che significhi
Come tu i petti accendi,
Come risveglj i palpiti
Nel sen dell' uom che riede
Alla primiera fede
Ed al primiero amor.

E forse allor l'Invidia
Non temprerà la scure
Ed accusati gli uomini
Nelle lor voglie pure
Più non saran dagli uomini
E del tuo raggio belli
Si chiameran fratelli
Uniti un di fra lor.

Nè più sarà vittoria
Di pochi baldi spirti
L'oro, per cui malefici
Spargon di scille e sirti
Di nostra vita il pelago,
E forse il sentimento
Del genio e del talento
Ara e suffragio avrà.

Nè accusa fia de'giovani
Il vizio immoderato;
E di fatal libidine
Coll'animo bruttato
Non si vedrà raccogliere
In immaturi lutti
Della turpezza i frutti
La svergognata età.

Genio del Bene ispirami
Co' tuoi pensieri santi
Fa che tue somme glorie,
Degno del tema, io canti.

In cor mi scendi, e l'anima
Al tuo pio culto educa,
Ch'essa mai più s'induca
A ricambiarsi in me.

Salve sorgente limpida
Che piangi nel deserto;
Lume di luce vivida
In un sentiero incerto;
Pace secura e soglio
Dell'anima credente
Sorriso della mente
Emblema della Fè.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO LV.

QUEM O SALVARÁ.

Thereza estava meia deitada sobre o estrado, e, com a cabeça escondida nas almofadas de veludo branco, soltava a cada instante do intimo peito gemidos e soluços que cortavam o coração. Margarida, de joelhos, mãos postas, e os olhos affogados em lagrimas levantados para o formoso crucifixo que pendia da parede, murmurava lenta e tristemente uma ladainha, a que respondia com voz soturna Fr. Thomaz do Espirito Santo, o qual de joelhos tambem e com a cabeça coberta pelo capuz, infundia pavor com seu aspecto sinistro. Já uma lampada de alabastro alumiava tenuemente o camarim da desditosa Calcanhares; e os seus reflexos avermelhados no brocado e no veludo, e os clarões amortecidos que por instantes lançava sobre o vulto do Christo de marfim, davam a este gracioso aposento um caracter lugubremente fantastico.

Concluida a ladainha, a Calcanhares e o frade ficaram alguns minutos ainda immoveis; ella, como paralisada pela intensidade da profunda magua que lhe pungia n'alma; elle, como se esperasse que uma impulsão externa viesse tiral-o daquella posição, que pelo habito de longos annos suportava, quasi indifferente, e abalar-lhe as idéas que a quietação do claustro e a natural insensibilidade lhe fizera estagnar no cerebro. A voz soluçante da lacrimosa Thereza, veio, com um grito de dôr, tiral-os daquelle lethargo, e chamal-os a sentimentos mais vivos e mais penosos.

— Amanhã! — dizia a linda provinciana, puxando com mão despiedosa os formosos cabellos.— Amanhã morre!... justiçado como um criminoso.

Margarida a este grito de Thereza levantou-se

em sobresalto, e foi com passo incerto sentar-se sobre o estrado ao pé da que naquelle tempo ella amava já como uma irmã.

— Amanhã! — proseguiu Thereza — e nem uma esperança nos resta de o salvar.

— As esperanças todas que tinha, perdi-as hoje! — disse a Calcanhares com uma voz, em que os padecimentos da alma se não manifestavam por vibrações agudas e entrecortadas de suspiros, mas sim por um tremor convulsivo que lhe abafava os sons e transtornava o timbre. — Perdi-as, essas consoladoras esperanças. Um demonio — Deus me perdoe, e lhe perdoe a elle! — um demonio resolveu a nossa perdição; e não ha resistir-lhe. Francisco morrerá... e eu morrerei com elle.

— Não poude fallar a El-rei, Margarida? Nem é possivel fallar-lhe ainda antes do momento terrivel? — perguntou Thereza.

— Não. Quando Fr. Thomaz nos trouxe esta tarde a terrivel noticia de que era amanhã que... o nosso desditoso amigo ía — innocente, meu Deus! — ía a... morrer, corri logo ao paço.

— E lá...

— Tudo está mudado no paço desde que o Conde se foi. Quem governa alli agora ostensivamente são os partidarios de D. Pedro; e no animo d'El-rei, por desgraça nossa, governa secretamente esse homem sem alma, a quem eu devo esta vida de martyrio que tenho padecido, Henrique Henriques é quem aconselha, quem governa El-rei; e sabe tudo.

— Pois esse homem...

— Encontrei-o n'um dos corredores do paço; estava-me esperando alli para me fazer uma proposta infame — « sei tudo, me disse elle. A vida desse capitão que ama tanto Margarida está na minha mão; e agora não virá, como da outra vez, o Castello-Melhor para o salvar. El-rei não lhe perdoa, porque quer deste modo captivar a benevolencia da rainha para o secretario d'estado: e só eu posso ainda salvar Francisco d'Albuquerque. »

— E não o quer salvar? — atalhou Thereza anciosa.

— « Se quer, proseguiu elle, que esse homem não morra ignominiosamente n'uma forca — o infame queria fazer-me medir bem a grandeza da catastrophe, que se avisinha — se quer que elle não seja victima do capricho de uma rainha, venha comigo, vamos juntos buscar em Hespanha um asylo seguro onde não possa chegar o odio vingativo do Infante, e onde a felicidade nos faça esquecer do mundo que é ingrato e dos reis idiotas. »

— E não castiga Deus um homem tão máu! E que respondeu, Margarida, que respondeu a esse desalmado.

— Fui escrupulosa de mais talvez! — exclamou esta, soltando gemidos de angustia. — Foi talvez o egoismo... Ai! Que direito tenho eu de ter melindres; eu, pobre mulher condemnada pelo mundo á ignominia? Sacrifiquei a vida de Francisco d'Albuquerque, por um sentimento de invencivel horror: e onde hei de agora achar lenitivo para este remorso?

— Na pureza da sua consciencia, Margarida. Elle ama-a, ama-a muito, e a morte é-lhe de certo menos custosa do que lhe seria uma vida vivida em padecimentos sem fim, consumida pela saudade, ralada pelo ciume — disse Thereza apertando a mão da Calcanhares.

— Talvez! — respondeu Margarida, dando um suspiro tão do intimo d'alma que parecia que nelle se lhe íam os ultimos alentos da vida. — A Virgem senhora nossa escute as minhas supplicas, e me inspire; porque a minha debil rasão, a minha consciencia fraca não bastam para me guiar. Se o sacrificio desta vida podesse salvar-lhe a delle, com que alegria eu exhalaria o ultimo suspiro! Mas deshonrar este amor, que as lagrimas e o coração tem purificado, que delle me veiu e só para elle quero, este amor que é o meu thesouro e a minha gloria, isso não posso, não sinto em mim alma para o fazer. Thereza, de que desgraças tenho sido causa involuntaria; e como me deve mal-querer!

— Não, minha querida Margarida! — exclamou Thereza dando-lhe um beijo. — Tenho dó de a vêr padecer. Doe-me o coração quando me lembro de que amanhã... Ai! Parece-me incrivel; isto é um sonho máu! Repita-nos, Fr. Thomaz, o que lhes disse Francisco?

O frade taciturno obrigado a fallar, por esta pergunta de Thereza, a quem elle consagrava uma amisade a seu modo, isto é, humilde e submissa como a do rafeiro, mas muda e sem expansibilidade, aproximou-se do estrado, e depois de um exforço para vencer a sua repugnancia a silencio, respondeu apenas:

— Que morrerá amanhã?

— E mais nada. Fr. Thomaz? Por Deus, responda? Falle!

— O meu ultimo pensamento, disse, em coisas deste mundo, será para dois anjos que me ensinaram a conhecer a bondade divina.

— Pobre Francisco — exclamou a lacrimosa donzella.

— E quando lhe recommendou que nos viesse contar essa terrivel nova — acudiu a Calcanhares, — não lhe disse se ainda lhe restava alguma esperança?

— Iss! — respondeu o frade, abanando a cabeça tristemente.

— Nenhuma?

— Em Deus, a quem elle pertenoe.

— Como?

— Fez o voto na companhia de Jesus.

— A isto seguiu-se um instante de silencio.

— Quer vêr-nos ainda antes de morrer, o meu rico irmão! — exclamou por fim a desolada Thereza.

— Sente-se com forças, Margarida, para assistir a essa horrivel agonia?

— Não sei; talvez morra com elle — respondeu Margarida, — mas vou. Hei de ir, havemos de ir ambos, não é assim? havemos de ir vel-o subir aquella fatal escada, ao cimo da qual o espera... Veremos tudo... tudo; para lhe dizermos um ulitmo adeus, antes da morte nos separar. Pediu-o elle; é dever nosso satisfazer-lhe a ultima vontade.

— Ai! querida... que angustia!

E a este grito de dor seguiu-se outra vez um longo silencio, que só os soluços das duas formosas raparigas interrompiam de quando em quando.

Por fim, arrastadas por essa invisivel necessidade de fallar no assumpto das proprias maguas, que é ao mesmo tempo martyrio e consolação dos que teem a alma profundamente dilacerada pela dôr, as duas mulheres proseguiram as suas amargas lamentações.

— Vêl-o morrer assim, sem o poder salvar, sem uma esperança sequer! — murmurou Thereza.

— A consciencia — acudiu a Calcanhares — diz-me que eu devo recusar a horrenda, a vil proposta de Henrique Henriques; mas o desejo de o salvar... o terror que me causa a idéa de o vêr expirante...

— Não... não sei. É um sacrificio superior ás suas forças, Margarida. E de mais, inutil talvez; talvez... condemnavel.

— Condemnavel, inutil talvez! Embora! — exclamou a amante de Francisco d'Albuquerque — Consumme-se o sacrificio, e Deus decidirá do futuro.

Levantando-se então do estrado em que estava sentada, e com um desses gestos de sublime resignação que são nos martyres a manifestação do triumpho do espirito sobre as fraquezas e os abatimentos da debil natureza, Margarida traçou n'um papel rapidamente e com mão segura algumas linhas, que eram a sua propria condemnação á morte; mais ainda, que eram, julgava ella, um ignobil sacrilegio contra o seu amor, e a perdição da sua alma para todo o sempre.

— Pelo amor de Deus, Fr. Thomaz — disse então ao graciano, entregando-lhe a carta que escrevera — por Deus, peço-lhe que vá sem demora, já, ao paço, e entregue esta a Henrique Henriques de Miranda. Diga-lhe... — aqui a voz sumiu-se-lhe quasi de todo, ao murmurar — diga-lhe que fico aguardando o cumprimento da promessa que elle me fez.

As ultimas sillabas desta frase, que tinha uma dolorosa, uma horrivel significação para a atribulada Margarida, foram já apenas perceptiveis, e ao acabal-as caiu a desventurada sem sentidos nos braços de Thereza.

Meia hora depois, quando o frade voltou, a Calcanhares ja havia recobrado os sentidos; a dôr tinha-lhe, porém, tirado a força de fallar, e, Thereza, respeitando aquelle abatimento sublime não ousava tambem soltar uma palavra. Abraçadas uma a outra, unidas as frontes pallidas, misturados os cabellos, confundidas as lagrimas, as duas mulheres conservaram-se, em quanto estiveram sós, immoveis, calladas, não ousando quasi respirar, nem sequer volver os olhos, como receiando perturbar aquelle funubre, aquelle pesado silencio que as involvia. Parecia-lhes, ás desgraçadas que uma palavra, um gesto evocaria talvez das sombras um medonho espectro, um fastasma sem piedade, para as arrancar dos braços uma da outra.

Fr. Thomaz do Espirito-Santo, o pacifico frade foi para ellas naquella occasião o espectro pavoroso tão anciosa, tão supersticiosamente temido. Quando elle entrou no camarim da Calcanhares, as duas mulheres uniram-se mais estreitamente, enlaçaram os braços com mais terror, e ficaram esperando que o frade désse conta do resultado da sua missão. Esperaram em vão, porque Fr. Thomaz fixando nellas os olhos amortecidos, ficou boquiaberto, e immobil naquella inacção da palavra que era um dos seus mais notaveis caracteristicos.

— Então!? — murmurou por fim Margarida, em voz baixa, como se desejasse não ser ouvida.

— Nada — respondeu laconicamente Fr. Thomaz.

— Que me diz! Henrique Henriques já não quer... salvar a vida de Francisco d'Albuquerque?

— Sss! — sibilou o frade, encolhendo os hombros.

— Não quer? Responda.

— Não póde.

— Porque? É tarde já?

— Morre.

— Morre! Francisco morre! Não ha esperança, meio nenhum de o salvar?

— Henrique Henriques morre.

— Mataram-no? — exclamou Margarida quasi com um grito de alegria.

— É Deus quem o mata. Está quasi morto.

— Não lhe entregou a minha carta, não lhe fallou?

Fr. Thomaz respondeu a esta pergunta entregando a Margarida a carta que esta havia escripto para Henrique Henriques. Recebendo aquelle papel em que pensava haver traçado o ultimo adeus ao seu amor, e á pureza da consciencia, a exaltada amante de Albuquerque, rasgou-o, com um movimento de frenetica, de incomprehensivel alegria, em mil pedaços. Nesse momento esqueceu-se de que naquelle papel rasgava uma esperança, a ultima talvez, de salvar o homem por quem ella de bom grado daria a vida.

— E quem o salvará agora? — bradou Thereza n'um paroxismo de desesperação.

Estas palavras pozeram termo á louca alegria da Calcanhares. Caíndo desfalecida sobre as almofadas do estrado, a infeliz murmurou tambem:

— Quem o salvará agora?

— Eu... — disse Fr. Thomaz subitamente.

Este monosglabo do frade produziu tal espanto em Thereza e Margarida, que ambas se poseram subitamente de pé.

— Vossa reverendissima! — exclamaram ambas:

— Como o póde salvar? — perguntou a Calcanhares.

— Como o hade tirar do limoeiro? — acudiu Thereza.

— Talvez — disse o frade, concluindo assim a fraze de duas palavras que começára havia quasi um minuto.

Uma lembrança luminosa atravessára naquelle instante o espirito, quasi sempre deserto, do bom frade. E, como receiando que essa subita e espontanea idéa se esvaecesse, Fr. Thomaz tratou logo de a pôr em execução, e, sem escutar as perguntas, sem attender ás suplicas de Margarida e de Thereza, saíu correndo, e encaminhou-se a passos largos para o coração da cidade onde, áquella hora já adiantada da noite, tudo estava socegado e involvido em densas trevas.

— Onde irá elle? — exclamou Margarida.

— Como póde o pobre Fr. Thomaz salvar a nosso querido Francisco! — disse Thereza.

— Uma illusão, uma illusão do bom padre! Que mais póde ser?

— Bons desejos, coitado!

— E nós havemos de o deixar assim morrer?!

— Que lhe havemos, que se lhe ha de fazer agora! O meu sublime sacrificio, Margarida, foi inutil. Deus não quiz, e os juizos de Deus são superiores á nossa rasão.

— Tenho uma... uma esperança não; um presentimento illusorio, enganador talvez, de que Francisco não morrerá ámanhã...

— Ai! eu não ouso, não tinha nem força para ter um presentimento! — exclamava Thereza, chorando.

— Ainda tenho esperança no padre Manuel Fernandes. Francisco, como nol-o disse ha pouco Fr. Thomaz fez voto na companhia de Jesus, e os padres jesuitas talvez o salvem ainda.

Um clarão de esperança passou tambem então no casto e suave rosto de Thereza.

— Talvez! — disse ella lançando os braços ao cóllo de Margarida. — Talvez! O padre Fernandes prometteu salval-o se elle entrasse na companhia.

— Quando?

Thereza contou então á sua amiga o que o capitão lhe disséra no limoeiro das suas relações com o confessor do Infante, das recomendações e das promessas deste, e emfim confessou-lhe as causas que a haviam levado a occultar-lhe até aquella occasião tão interessante segredo, das quaes uma era a falta de confiança que ella tinha de que taes promessas se cumprissem.

— Amanhã — disse a Calcanhares — logo que amanheça, irei a S. Roque fallar com o padre Fernandes. Tudo isso me espanta, tudo isso me parece extraordinario. Uma tal promessa, um segredo tão recomendado...

— São coisas de jesuitas. Bem sabe, Margarida, que ha sempre em tudo que elles fazem rasões occultas, mysterios impenetraveis...

— Saberei tudo ámanhã...

— O padre Fernandes não lhe explicará nada.

— Talvez o salve, e é quanto eu desejo — acudiu a Calcanhares. — Rezemos, Thereza; vamos pedir a Nossa Senhora um milagre.

E as duas, pondo-se de joelhos, começaram com fervorosa fé uma ladainha á Virgem Mãe de Deus.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

Por falta de espaço se não publicou neste n.º a continuação dos « *Estudos biographicos e necrologicos* » pelo sr. L. A. Palmeirim.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Fallecimento de Mr. Orfila. — O mez de março corrente privou a faculdade de medicina de Paris do seu respeitavel decano, e as sciencias de um seu fervoroso cultor. Mr. Orfila era hespanhol de nação mas estava naturalisado em França desde os primeiros annos do reinado de Luiz Filippe, tendo antes disso longa residencia; escreveu sobre muitos ramos das sciencias naturaes e medicas, com especialidade, a medicina legal, a toxicologia, e os soccorros que convém prestar aos asphyxiados, envenenados etc. As suas obras são muito estimadas.

Muitos pintores e esculptores notaveis e grande numero de musicos se reuniram ás corporações scientificas para fazerem as honras funebres áquelle sabio, distincto e humanitario. Este acto foi uma verdadeira homenagem tributada ás sciencias pelas bellas-artes agradecidas; porquanto Mr. Orfila sempre teve em subido apreço as artes e os seus professores; as suas salas eram o santuario da boa musica. Os mais distinctos cantores e instrumentistas tomaram parte nas exequias solemnes que foram celebradas na egreja de S. Sulpicio.

DESACATO Á RELIGIÃO.

Não ha ainda muito tempo que tivemos occasião de fazer algumas reflexões relativamente á maneira com que ás vezes se celebram nesta cidade as ceremonias da Egreja. A justiça dessas nossas reflexões que as partes interessadas não duvidaram então taxar de nimiamente zelosas, torna-se agora incontestavel, depois do que occorreu este anno em algumas freguezias durante os officios da Semana Santa, porém muito particularmente em Santa Justa, onde se commetteram escandalos que reclamam a immediata intervenção não só da auctoridade civil, afim de serem rigorosamente punidos aquelles individuos, que esquecendo o alto respeito que devem ao sanctuario de Deos se arrojaram premeditadamente, segundo parece, a promover naquelle recinto assuada e tumulto; como da auctoridade ecclesiastica, para que tomando conhecimento dos factos e das causas que lhes deram logar, evite para o futuro a renovação de iguaes escandalos.

Tornamos a repetir, e insistiremos sempre, que as ceremonias religiosas em alta noite devem ser de todo prohibidas, ou pelo menos não se deve consentir que sejam celebradas com pompa profana e apparato theatral.

Póde ser até certo ponto louvavel o zelo e dedicação de algumas Irmandades, que procuram celebrar com esplendor os officios da Semana Santa não se poupando para isso a avultadas despezas; mas é certo tambem que essa mesma pompa e esplendor, attrahindo aos templos uma consideravel multidão, que concorre alli, levada mais por espirito de curiosidade do que por verdadeiro sentimento religioso, é quasi sempre origem das irregularidades que se practicam, e quando menos, da ausencia da devoção e seriedade, a que se não póde faltar sem commetter uma offensa grave. Além disto, essas divisões e subdivisões que transformam a egreja em platea de theatro são um abuso que deve acabar de uma vez para sempre. Se os Irmãos, assumindo attribuições de *mestres de sala*, ou *donos de casa*, querem obsequiar amigos, parentes e recommendados, escolham outra occasião para fazer valer os seus serviços. Não é no templo do Senhor que se devem trocar obsequios e finezas: alli não devem subsistir essas tantas distincções de que se nutre a vaidade humana. Se não fôra este abuso não seria talvez mister empregar naquelle recinto a força armada, que muitas vezes longe de manter a tranquillidade é origem de desordem.

Em algumas egrejas, porém, celebraram-se os officios da Semana Santa com toda a devoção e boa ordem, sem que houvesse o menor incidente desagradavel a lamentar. Citaremos por exemplo a dos Missionarios inglezes geralmente chamada dos *Ingleztnhos*. Aquella egreja é realmente um modelo em todas as suas ceremonias: oxalá que esse modelo fosse seguido, que não haveriam tantas occorrencias lamentaveis a apontar. Observe-se, se as portas daquelle templo se acham abertas a deshoras, se a magestade e o caracter eminentemente religioso de que alli se reveste o culto não forma um contraste sensivel com o apparato profano de muitos dos nossos templos, e se dessa austera simplicidade não resulta o profundo recolhimento e edificação dos circumstantes.

É preciso que nos desenganemos, que se s. em.ª o sr. Cardeal Patriarcha, como chefe do clero, não intervier directa e efficazmente na reforma dos abusos que se tem introdusido nas funcções religiosas, se não evitar que as egrejas se transformem em theatros ou sociedades phylarmonicas, que as procissões conservem alguns dos episodios das representações biblicas do seculo passado que a civilisação de hoje reprova; se, n'uma palavra, não fizer observar strictamente a solemnidade e singeleza proprias do culto, não só mereceremos a critica dos verdadeiros fieis, mas acabaremos por vêr essas mesmas ceremonias de todo desvirtuadas.

DEMETRIO RIPAMONTI.

BIBLIOGRAPHIA.

A ESMERALDA.

Relicario infantil.

Este livrinho mui recommendavel para uso dos meninos, tanto pela boa escolha de piedosas e devotas orações como pela belleza da edição ornada de delicadissimas gravuras em cobre.

Vende-se na loja de Lavado, rua Augusta n.º 8.— Preço 240 rs.